

## As mulheres e a Segunda Guerra Mundial: dimensões do trabalho feminino e a ação propagandista

*Woman and World War II: feminin labor dimensions and propaganda action*

Anna Clara Félix de Souza,<sup>1</sup> Universidade de Brasília

### Resumo

Com a entrada dos Estados Unidos na Segunda Guerra Mundial, o recrutamento de soldados tornou-se indispensável para a participação ativa no caminho da vitória para os Aliados. Contudo, no território norte-americano, com a ida dos homens à guerra, houve, imediatamente, uma escassez de mão-de-obra. Logo, foi percebido que essa lacuna trabalhista poderia ser preenchida pelas mulheres norte-americanas, população remanescente do país no momento. A partir disso, o governo americano iniciou um projeto de iniciativa de adesão das mulheres ao setor industrial, por meio das propagandas. Desse movimento, a iconografia “*Rosie, the Riveter*” foi o símbolo da inclusão das mulheres no mercado de trabalho, sendo até hoje utilizada para diálogos com esse fim.

**Palavras-chave:** Mercado de trabalho; Mulheres; Propaganda; Segunda Guerra Mundial.

### Abstract

When the USA join the World War II, the soldier recruiting turn imperative for the way for the Allie’s victory. Furthermore, in the American region, with the departure of the men in the way of war, there were, immediately, a decrease of workforce available. So, was noticed that lack could be replaced by the American women, the remain population of the territory at the moment. From that, the American government started an inclusion project for women at industrial sector, through propaganda. By this, the iconography “*Rosie, the Riveter*” was the symbol of the feminine inclusion in labor market, being used, even nowadays, for dialogues with this intention.

**Keywords:** Labor sector; Women; Propaganda; World War II.

### Introdução

No que tange à participação dos Estados Unidos durante a Segunda Guerra Mundial, eventos como o ataque a Pearl Harbor e a liderança norte-americana em frente aos Aliados já são assuntos profundamente explorados pela historiografia<sup>2</sup>. Assim, nesse sentido, questionar-se o *status* desse país e de seus habitantes, no que se refere ao seu próprio território, durante esse período, é enxergar novas possibilidades de interpretação da guerra para a construção do sentimento nacional americano. Tendo em vista isso, sabido que em situações de guerra, a transferência de homens civis para campos de batalha e a reminiscência de mulheres como

---

<sup>1</sup> Graduanda em História pela Universidade de Brasília, esse artigo advém da avaliação da disciplina de História da América 3, tendo sido revisada e orientada pelo Professor Doutor Francisco Fernando Monteoliva Doratioto.

<sup>2</sup> (KARNAL, 2007) e (ANDERSON, 2015) são livros que possuem capítulos dedicados ao papel desempenhado pelos norte-americanos na Segunda Guerra.

maior parte da composição restante no país, é no gênero feminino que a agência das dinâmicas sustentará as esferas econômicas e sociais emergentes.

Isso significa que as mulheres tomaram o papel de protagonistas no que se refere, principalmente, ao âmbito econômico, já que elas ocuparão cargos nos diversos setores trabalhistas, devido à evasão de mão-de-obra masculina para servir na guerra. A partir disso, uma nova perspectiva, não só das próprias mulheres, mas do aparato estatal, surge para lidar com essa nova realidade. A partir disso, o aparato propagandista será um dos meios de recrutar essas mulheres para cumprirem com essa nova aventura, sempre guiadas mediante o caráter ideológico-patriótico da guerra, no qual seus serviços significariam trabalhos em prol da nação americana, dos Aliados, e dos homens, os quais estão no *front* da guerra.

Assim também, com o fim da guerra, demandar-se-á às mulheres que deixem os cargos que, *a priori*, seriam temporários, e voltem a exercer suas funções como mães e donas de casa. Essa decisão não as deixará satisfeitas (AGUIERRE, 2018, p. 16), uma vez que, com esse evento, foram apresentadas novas perspectivas de independência, gerando um novo impacto nas perspectivas dos papéis de gênero e na divisão sexual do trabalho.

### **A Guerra, as mulheres**

A entrada dos Estados Unidos na Segunda Guerra Mundial se desencadeou, principalmente, a partir da decisão do presidente Franklin Delano Roosevelt em se juntar ao grupo Aliado – coalisão composta, até então, pelas nações francesa, soviética e britânica - e motivado pelo ataque japonês à base militar de Pearl Harbor, no Havaí, em dezembro de 1941. Assim, começou, internamente ao território americano, o processo de alistamento de homens, a fim de atender essa urgente demanda do conflito. Consequentemente a isso, a força de trabalho industrial, até o momento composta majoritariamente por trabalhadores do sexo masculino, decaiu, devido ao remanejamento destes homens para o *front* de batalha. Em outra perspectiva, paralelamente, ao se inserir em uma guerra, a necessidade por produtos de ordem bélica é crescente, sendo inversa ao decréscimo da mão de obra. Mediante essas circunstâncias, é nas mulheres que o governo norte-americano encontrará uma solução imediata para esse problema de cunho produtivo (HAPSARI, 2014, p. 2).

Todavia, antes de adentrar na ideia da adesão das mulheres, como força de trabalho na indústria de guerra, é necessário, primeiramente, situar o desempenho feminino no campo do

trabalho no que se refere ao período da Grande Depressão<sup>3</sup>. De fato, as mulheres começaram a receber melhores salários e a ocupar novos cargos, além de aumentar significativamente sua participação na força de trabalho devido à Segunda Guerra Mundial, mas antes disso elas já integravam este mercado. A maioria dessas mulheres trabalhadoras durante o período entre a Crise de 29 e o ano de 1940, eram brancas e casadas, à qual essa proporção cresceu em 28% durante os anos citados. Por mais que houvesse uma opinião pública negativa contra o vínculo empregatício de mulheres casadas, e mesmo uma legislação limitando isso, na década de 40, esse grupo de mulheres brancas e casadas foram capazes de aumentar a participação delas em um terço. Em paralelo, com o crescimento da participação de mulheres brancas no mercado de trabalho durante a Grande Depressão, a participação de mulheres afro-americanas decresceu em 22,6%. Essas mulheres afro-americanas sempre foram segregadas racialmente e sexualmente do mercado de trabalho, enxergadas como indesejáveis em perspectiva à integração de mulheres brancas, além de que, quando empregadas, relegadas a salários ínfimos e a trabalhos de baixo status. Essa queda de participação desse grupo se deu também ao fato de que as mulheres brancas casadas estavam dispostas a ocupar trabalhos de menor prestígio, deixando as mulheres negras sem opção, expulsando-as do ciclo trabalhista (YESIL, 2004, p. 104). Portanto, a concepção de que todas as mulheres americanas – brancas ou negras – facilmente se inseriram no contexto trabalhista, quebrando paradigmas de gênero é um erro de interpretação histórico.

A ideia de integração no mercado de trabalho talvez seja mais aparentemente aceitável quando se refere às mulheres brancas, mas não necessariamente às afro-americanas, que encararam obstáculos discriminatórios tanto por parte da indústria quanto por parte do governo. Mesmo existindo uma lei que tentava tratar dessa desigualdade – o *Fair Employment Practices Committee*, em 1941; por meio da *Executive Order 8802* – ainda havia muita relutância pelos empregadores em contratar afro-americanos. Até quando, raramente contratados, os afro-americanos (homens e mulheres) compunham um grupo restrito, que não excedia 10% do total de trabalhadores ativos (YESIL, 2004, p. 106). Nesse contexto, acima de tudo, as mulheres afro-americanas tiveram dificuldades de conciliar a vida trabalhista e a vida doméstica durante os dias de guerra. Segundo a revista *Opportunity* (MCEUEN, 2014, p. 4), era notório que as mulheres negras ficavam muito irritadas em momentos que os homens das fábricas ficavam apenas dando voltas e não realizando efetivamente suas tarefas, pois aquilo significava tempo

---

<sup>3</sup> Recessão desencadeada pela quebra da Bolsa de Valores de Nova Iorque, em 1929, que resultou na maior crise econômica do século XX não somente nos Estados Unidos, mas em diversos países pelo mundo.

em que elas poderiam estar em casa realizando suas atribuições. Ainda sobre o perfil dessas mulheres, que se juntaram ao mercado industrial da guerra, apenas 10% delas tinham frequentado uma universidade, e cerca de 54% sequer tinha completado o ensino médio (HONEY, 1984, p. 20).

Apesar do aumento do fluxo da inserção feminina no mercado de trabalho, parcela considerável das mulheres que foram empregadas durante o período da guerra – 29% - já trabalhavam em outras áreas há mais de 10 anos. Nesse mesmo sentido, outras 19% atuavam em outros ramos há mais de 5 anos. Nisso, um número significativo de mulheres empregadas no ramo da manufatura durante a guerra já esteve anteriormente em serviços ou cargos clericais. De acordo com o Departamento Americano de Trabalho, o *US Department of Labor*, em uma pesquisa sobre serviço feminino, 61% de todas as mulheres que estavam empregadas em 1944 já estavam atuando no Mercado de trabalho uma semana antes do ataque de Pearl Harbor (YESIL, 2004, p. 105).

No início da dinâmica trabalhista da manufatura, as mulheres ocupavam, primeiramente, atividades que não eram atraentes para os homens, devido à baixa remuneração, às poucas oportunidades de ascensão e mesmo às precárias condições do serviço, em comparação a outras ocupações. Assim também, na maioria das vezes, esse serviço por parte das mulheres ocorria em indústrias sem associação com sindicatos, sazonais e com baixa margem de lucro, e os salários pagos a essas trabalhadoras eram ínfimas (HONEY, 1984, p. 20-21).

A partir da nova movimentação de inserção das mulheres no mercado de trabalho, pelo advento da guerra, foi a drenagem da força laboral masculina a primeira vantagem que as trabalhadoras do sexo feminino receberam. Com a guerra já em andamento, o governo não demorou para concluir que a força de trabalho industrial era um fator crucial para o sucesso do programa do estado de guerra (HONEY, 1984, p. 21). Foi assim, nessa percepção da necessidade da mão de obra feminina, que se desenvolveu a dinâmica econômica industrial de guerra, instigada pela força do trabalho das mulheres. Assim, nessa perspectiva, foi a indústria de aviação a que mais recebeu mulheres norte-americanas como trabalhadoras. Em 1943, cerca de 310 mil mulheres trabalhavam na indústria aeronáutica norte-americana, resultando em 65% da força total da indústria – em comparação com apenas 1% dos anos antecedentes da guerra. Em adição aos trabalhos industriais e aos trabalhos de *homefront*<sup>4</sup>, 350 mil mulheres se juntaram

---

<sup>4</sup> *Homefront* é a palavra utilizada para descrever a mobilização da sociedade civil remanescente no território nacional dos países participantes da Guerra, em que todos os esforços – sociais, econômicos e políticos – do cotidiano viram-se para o reforço do conflito que ocorre.

às Forças Armadas, servindo tanto no território americano quanto em outras localidades em que ocorria a guerra. As mulheres também exerceram o cargo de pilotas por meio do *Women's Airforce Service Pilots* (WASPs). Essas viagens de avião comandadas por essas mulheres consistiam no trajeto entre as fábricas e as bases militares, para transporte de carga, além de participação em simulações de ataques e missões com alvos. Nesse sentido, mais de 60 milhões de milhas de distância foram percorridas por mulheres aviadoras nesse período (HAPSARI, 2014, p. 5).

Além da aviação, a navegação e a produção de munição foram áreas com crescimento significativo da participação feminina, crescendo de 8%, em 1939, para 25% em 1944. Paralelamente, enquanto em 1939 encontrava-se apenas 15% da totalidade das mulheres nos setores de produção de bens duráveis, em 1943 é revelada a exímia porcentagem de 45,3% das mulheres engajadas neste setor. Com o alavancamento de produção, as indústrias voltadas para a produção, a favor da guerra, tornaram-se parte do setor de mão-de-obra que contava com altos salários e com a sindicalização, como citado anteriormente, as mulheres até então eram excluídas (HONEY, 1984, p. 21).

Essa adesão à indústria da guerra por parte das mulheres se deu também devido à criação da Comissão de Mão de Obra para a Guerra dos Estados Unidos - U.S. *War Manpower Commission* (WMC) -, que visou mobilizar a população norte-americana para a visão de uma guerra total, isto é, que todos os esforços fossem voltados para a guerra. Em agosto de 1942, a WMC organizou um Comitê Consultivo de Mulheres (*Women's Advisory Committee*) para considerar as questões de como melhorar a eficiência das trabalhadoras em prol dos esforços para a guerra (MCEUN, 2014, p. 2). A partir do ano de 1944, as operárias mulheres com habilidades consideráveis já recebiam um salário semanal de cerca de U\$31,21. Ainda sim, em contrapartida, mesmo com leis regulamentadoras sobre salários equiparáveis, seus companheiros de trabalho, do sexo masculino, ao desempenharem papéis semelhantes, ganhavam cerca de U\$54,65 semanalmente. Para McEun, se as mulheres quebraram paradigmas ao realizar trabalhos “pesados”, de cunho masculino, elas deveriam ser mais bem remuneradas que mulheres que se mantinham salvas e seguras nos trabalhos “femininos”, mas, pelo contrário, continuavam a ser mal remuneradas, em detrimento aos colegas do sexo masculino que desempenhavam os mesmos ofícios. No âmbito físico e psíquico, essas mulheres encararam - devido ao conhecimento e ao treino limitado pela urgência da continuação da produção - não somente dores físicas pelo trabalho, mas exaustão devido à dupla jornada de

trabalho, além dos fardos da parcela afro-americana no que se refere à discriminação e ao assédio (MCEUEN, 2014, p. 3-4).

À época da guerra também, outro fenômeno envolvendo as mulheres se desenvolveu: o número de casamentos criou o termo chamado *Wartime Marriage Boom* como Melissa McEuen (2014, p. 11-12) aponta: entre os anos de 1940 e 1943, 6.579.000 casamentos ocorreram, cerca de 1,1 milhão a mais do que as taxas das décadas de 20 e 30 previam. Essa movimentação se deu, principalmente, por que um “terror” se espalhou entre as moças, logo após o início do processo de alistamento em 1940, os rumores que os homens do país seriam escassos tomaram o imaginário da população. Como consequência desse ocorrido, um crescimento no número de nascimentos acompanhou as circunstâncias, fazendo com que muitas mães ainda jovens se encontrassem sozinhas para cuidar de si mesmas e de seus filhos recém-nascidos. A maneira que algumas dessas jovens encontraram de aliviar sua situação era dividir apartamentos, custos de alimentação e de aluguel com outras mães, além de compartilhar os cuidados com a casa e com as crianças. A assistência a crianças de mães operárias foi arquitetada pelo Estado a partir do Laham Act, de 1940, como extensão dos projetos públicos trabalhistas da época da Grande Depressão.

Todas essas novas dinâmicas sociais estavam amparadas dentro de uma realidade econômica, à qual se refere aos episódios das crises desencadeadas no ano de 1929 nos EUA. Nesse sentido, a Segunda Guerra Mundial foi, paradoxalmente, o evento mais caro ao qual os norte-americanos se submeteram, consumindo 30% do PIB nacional de 1942 a 1945, mas ao mesmo tempo, foi o responsável por salvar o país da conjuntura econômica ao qual se encontrava: o desemprego foi superado, principalmente devido à inclusão das mulheres no mercado trabalhista, e o PIB real dobrou entre o período de 1939 e 1944 (GREENSPAN; WOOLDRIGE, 2020, p. 271).

### **A Propaganda**

Nesse sentido, duas foram as maiores razões para o governo engajar na propaganda massiva. A primeira dessas foi que o poder de influenciar ou de agir diretamente na economia era muito limitado. Por mais que o governo, durante o *New Deal*<sup>5</sup>, tivesse fomentado reformas por meio de programas como o de Segurança Social, o de seguro-desemprego e o de negociação

---

<sup>5</sup> Série de reformas implementadas pelo presidente norte-americano Franklin Delano Roosevelt, entre os anos de 1933 e 1937. O plano consistia em fomentar ações governamentais para sustentar um crescimento econômico. Em 1939, essas ideias foram racionalizadas teoricamente pelo economista John Keynes, na obra *Teoria geral do emprego, do juro e da moeda*.

coletiva, na grande parte, o setor privado se auto governou. A segunda razão se refere à esperança da propaganda exercer e de moldar alguns dos requisitos dos padrões de trabalho, por meio de uma moldura ideológica compatível com os tempos de guerra. A manipulação psicológica e, o apelo emocional eram meios de a chamada propaganda organizar aquilo que o sistema burocrático não conseguia amparar: a relação entre oferta e demanda da mão-de-obra (HONEY, 1984, p. 28-29).

Em 1942, o artista J. Howard Miller foi contratado pelo *Westinghouse Company's War Production Coordinating Committee* para criar uma série de *posters* para encorajar as mulheres a aderirem à indústria de guerra. O mais famoso da série, intitulado “*Rosie The Riveter*”, mais tarde prolongou sua popularidade pelo pintor e ilustrador Norman Rockwell (AGUIERRE, 2018, p. 2). Rosie representava o novo modelo de mulher forte, mas ainda assim, feminina. A origem do termo “*Rosie the Riveter*” é devido à música homônima, escrita por Redd Evans e por John Jacob Loeb, e serve para generalizar as protagonistas da série de imagens propagandistas. A canção narra a história de uma heroína que vigorosamente se junta à linha de trabalho para ajudar os esforços norte-americanos na guerra.

Todavia, o nome Rosie não é puramente ficcional: ele é associado a uma mulher chamada Rose Will Monroe. Ela trabalhou como rebidadeira na fábrica de aeronaves Willow Run, em Michigan, construindo aviões de bombardeio B-24 para as Forças Armadas dos Estados Unidos (HAPSARI, 2014, p. 3). Todavia, o imaginário de que as obras das *Rosies The Riveters* carregavam consigo traziam contradições problemáticas: Mary Keefe, a modelo que Norman Rockwell escolheu, não era uma rebidadeira, mas uma telefonista. Ela não trabalhou na indústria de defesa e não tinha nenhuma experiência na área de rebite. A exemplo disso, no primeiro poster publicado no *Saturday Evening Post*, os braços de Keefe são apresentados mais musculosos, e seu corpo, em forma. A representação imagética é clara em seu discurso: enquanto a ela come um sanduíche, a ferramenta de rebite permanece em seu colo; suas roupas são masculinizadas e ela pisa na autobiografia de Hitler, *Mein Kampf*. Em contrapartida, mesmo que carregue algumas características masculinizantes, Rockwell se assegura em manter a feminilidade da protagonista do poster por meio do cabelo arrumado, do batom vermelho e das unhas pintadas (AGUIERRE *apud* HONEY, 2018, p. 5-6).



Fonte: *The Saturday Evening Post*, Licença Norman Rockwell © 1943 SEPS), 1943.

A partir disso, a mídia direcionou todo seu esforço para repassar a ideia que as mulheres eram necessárias na indústria de defesa. Porém, essa propagação não ficou restrita somente ao universo iconográfico, tendo filmes como *Swing Shift Maisie* (Norman Z. McLeod, 1943), *Meet the People* (Charles Reisner, 1944), e *Since You Went Away/ Desde que Partiste* (John Cromwell, 1944) contando com a narrativa de mulheres trabalhando em tempos de guerra, sem contar peças da Broadway como *Rosie the Riveter* e livros como a autobiografia *Shipyard Diary of a Woman Welder*, de Augusta Clawson (AGUIERRE, 2018, p. 6). Ainda assim, as diversas formas de “*Rosie The Riveter*” era designada para alcançar um público específico: mulheres brancas, de classe média eram o foco principal do *War Information Office and Advertising Executives*. O OWI (*Office of War Information*) canalizou a força propagandística da série de *Rosie the Riveter* de forma a fazer essas mulheres pensarem que elas precisavam deixar a vida doméstica. Para eles, esse grupo era o mais preparado e mais capacitado para exercer os trabalhos. Ao se juntar ao serviço industrial, OWI acreditava que as mulheres estavam deixando de ser egoístas, ajudando os maridos que estavam no front de batalha (HONEY, 1984, p. 28-29).

Assim, eram modeladas as formas ideias das trabalhadoras que o Estado americano queria e precisava naquele momento. Nesse sentido também, mulheres negras nunca, ou raramente, apareciam em anúncios para trabalho industrial, embora ainda houvesse realizações e prêmios locais noticiados em jornais e em revistas conhecidas pelo nicho dos afro-americanos, como o NAACP, o *The Crisis* e o *National Urban League's Opportunity*. De certa forma, essa cobertura de recorte racial foi muito importante, de modo vital, para a campanha “*Double V*”, uma movimentação iniciada pela imprensa negra para combater o racismo interno no território americano enquanto tropas lutavam contra o fascismo no exterior (MCEUEN, 2014, p. 2).



POSTER 2 – We Can Do It!



Fonte: J. Howard Miller/War Production Co-ordinating Committee, *The National Museum of American History*, Licença Creative Commons Zero (CC0) Coleção Smithsonian, 1942.

Integrar o mercado de trabalho nesse momento, contudo, não significaria desafiar os papéis sociais de gênero. As mensagens propagandísticas tratavam de uma imagem complexa: não eram sobre mulheres que eram trabalhadoras desde sempre, mas que tiveram que se dispor a tal função devido às circunstâncias. A participação feminina na indústria, durante esse período, nunca se tratou sobre realização pessoal ou independência feminina, mas de um sacrifício patriótico e o desejo de alcançar validação masculina, por isso sempre a tentativa de se manter atrativa e feminina, mesmo com a realização de um trabalho pesado e cansativo. As agências de propaganda também eram cuidadosas em não apresentar o trabalho doméstico como secundário ou menos importante. A ideologia de guerra total também classificava como de valor inestimável as atividades domésticas para o esforço de guerra (YESIL, 2004, p. 108-110).

A OWI trabalhou incessantemente para fixar a ideia do patriotismo e da libertação dos homens dos deveres de trabalho, policiando-se a nunca pender em uma ideia de empoderamento feminino, de realização pessoal ou de independência. Pelo contrário, explicitamente “coisificava” as mulheres: frases em que se associa e se atribui vitórias ou derrotas como resultados diretos do esforço de trabalho das mulheres eram frequentemente reforçados (YESIL, 2004, p. 109).

Os meios de comunicação e, as autoridades norte-americanos, concentraram-se na ideia de controlar o comportamento das mulheres por meio dos novos empregos que elas ocupavam, além de manter a economia de guerra funcionando. Esse trabalho de esforço, em momento algum, teve como objetivo ajudar a mudar a posição das mulheres na esfera social, senão ajudar os Estados Unidos na guerra, somente (AGUIERRE, 2018, p. 3). Um dos *slogans* do governo

era: “quanto mais as mulheres trabalharem, mais cedo ganharemos”. As propagandas também associavam as habilidades domésticas às atividades laborais, como anúncio que questionava as mulheres que, se elas conseguiam manusear uma batedeira elétrica, paralelamente conseguiriam, sem grandes esforços, aprender a operar uma furadeira. Além dessa comparação, a campanha realizava paralelos como costurar e soldar, fazer um suco de laranja e operar uma furadeira de bancada e usar uma máquina de lavar a usar um torno mecânico. A função dessas propagandas também se direcionava a tentar mudar a visão patriarcal de alguns maridos que ainda relutavam em deixar suas esposas assumirem cargos nas indústrias (HAPSARI, 2014, p. 4).

A importância do papel do governo, ao incentivar as mulheres a ocuparem cargos ditos masculinos, era também assegurar que não haveria uma perda da feminilidade mesmo com essa nova realidade. O *War Information Office and Advertising Executives* se propôs a criar, meticulosamente, a imagem da dona de casa feminina que vai para seu trabalho fabril por amor pela sua nação. Era necessário fixar a ideia que a necessidade do trabalho feminino era uma urgência das circunstâncias as quais o país se encontrava. Essa mulher ideal, descrita pelo aparato governamental, era capaz de alcançar qualquer coisa que o Estado requisitasse a ela, mas no momento em que não fosse mais necessária, voltaria de bom grado para seu lar receber seu marido (AGUIERRE, 2018, p. 3-4).

Ainda assim, com todo aparato propagandístico, como já comentado, o incentivo para a participação feminina no mercado de trabalho não significou que as mulheres eram beneficiadas, a exemplo, raras as exceções que empregadas eram promovidas como supervisoras (HAPSARI, 2014, p. 4-5).

## O fim

A campanha das *Rosies The Riveters*, ao fim, revelou que o pensamento de uma subversão nos papéis de gênero sempre foi uma questão secundária – senão inexistente – em detrimento às obrigações das mulheres como esposas e namoradas para seus companheiros que estavam retornando para casa. Como Aguierre afirma (tradução livre): “(...) Ao final do dia, Rosie, a Rebitadeira, era somente uma propaganda, e não prometia nada para o futuro” (AGUIERRE, 2018 p. 9)<sup>6</sup>.

---

<sup>6</sup> *At the end of the day, Rosie the Riveter was just a form of propaganda and did not promise anything for the future*”.

Durante a guerra, estima-se que 18 milhões de mulheres se juntaram às indústrias. A preocupação sobre o que ocorreria com elas quando a guerra crescia com o passar do tempo, uma vez que se tinha o entendimento que as condições de divisão sexual do trabalho não voltariam a ser as mesmas de antes. Já na metade do ano de 1944, com uma vitória dos Aliados praticamente encaminhada, o discurso de propaganda do governo rapidamente mudou para pedir que as mulheres voltassem para casa. Com o fim oficial, a necessidade de munição abruptamente foi encerrada, e conseqüentemente, as mulheres foram obrigadas a deixarem seus cargos a procura de novas ocupações. Assim, muitas mulheres foram dispensadas, e seus empregos ocupados pelos militares que retornaram. As que tentaram permanecer na indústria tiveram que enfrentar obstáculos como assédios, mas ainda sim resistiam. Por mais que as configurações de divisão sexual do trabalho voltassem a ser algo semelhante ao período pré-guerra, não voltou a ser o mesmo: novas marcas e efeitos ficaram marcados na noção da inserção feminina no trabalho e no poder (HAPSARI, 2014, p. 8-9).

Anteriormente, nos anos 1915-1918, o *American Way of Life* (AWL) surgiu como modelo democrático republicano, cultural e social, sendo uma ideologia maximizada não somente para a população norte-americana, mas que posteriormente se difundiu entre as nações latino americanas – durante 1920 e 1930 – e se fortaleceu entre os países europeus que compunham o grupo dos aliados, durante a Segunda Guerra. Assim, durante o período pós Segunda Guerra Mundial e o momento antecedente à Guerra Fria, o AWL reemergiu com mais força, principalmente no que se tange às relações de gênero da sociedade norte-americana. Essa defesa dos costumes do *American Way of Life* acaba por designar um molde de família tradicional, colaborando com os princípios capitalistas ao mesmo tempo que afasta o comunismo. No conceito da família americana ideal, então, a mulher volta a assumir o papel de mãe e de dona de casa, que não trabalha fora, e a exaltação da figura do marido como provedor do lar. É nesse discurso então que se sustenta a retirada das mulheres dos meios industriais, “devolvendo” o lugar aos homens (MENDONÇA, 2015, p. 33-34).

Se a luta pelos Aliados pela liberdade abrangia a independência pessoal, as mulheres souberam assimilar para si essa liberdade no início da década de 1940. O presidente Roosevelt articulou quatro liberdades, das quais duas, a “liberdade por vontade” e a “liberdade por medo”, podem explicar como algumas mulheres desfrutaram dos benefícios financeiros e sociais que os anos de guerra lhes proporcionaram. Não foi insignificante o número de mulheres que se envolveram em mudanças significativas que emanaram da confiança oriunda da independência desenvolvida nesse período. Era justificado o medo de uma retração dessa liberdade

(MCEUEN, 2014, p. 16). Para a teórica Betty Friedan, a partir dos eventos da Grande Depressão e da Segunda Guerra, imagem das mulheres – em especial as norte americanas – começou a se mistificar nos padrões da propaganda do AWL. Assim, Friedan percebe que essas desigualdades de gênero eram ratificadas, principalmente, por argumentos econômicos, resultando numa realidade de opressão para as mulheres, cunhada na realidade doméstica (FRIEDAN, 2020).

A imagem de *Rosie The Riveter*, mesmo que cunhada numa propaganda nacionalista, foi para além das barreiras estabelecidas, sendo símbolo, mesmo que não intencionalmente, de mulheres que desafiaram paradigmas de gênero. Ao fim da guerra, a confusão sobre as possibilidades do papel da mulher mediante da sociedade foi motor fundamental para novos movimentos feministas que surgiram nas décadas seguintes, colocando em xeque o senso comum da posição social das mulheres (AGUIERRE, 2018, p. 16). Mas uma nova perspectiva estava realizada: mesmo que retraídas, essas mulheres que trabalharam como *Rosie The Riveters* da vida real reverberaram seus desejos por emancipação, alcançadas em demonstração para suas filhas e suas netas, marcando o que hoje se entende como o confronto das questões de gênero, de trabalho e de espaço social.

## Conclusão

A inserção das mulheres americanas no mercado de trabalho por meio da evasão da mão-de-obra masculina representou um momento de questionamento de uma ontologia em que o sexo feminino é subjugado ao masculino, uma vez que sempre designado como o sexo frágil, têm de assumir as rédeas de ocupações consideradas “pesadas”. Logo, isso representa um momento de novos confrontos de ideais em que as mulheres demonstram ser capazes de assumirem locais de independência não somente na área laboral, mas consequentemente na esfera financeira, na emocional e na social.

Assim, quando se fala de Segunda Guerra Mundial, é importante atentar-se não somente a uma reconfiguração na perspectiva militar e geopolítica das dinâmicas dos Estados que se envolveram no conflito, mas também dos cidadãos que foram impactados por ele, mesmo permanecendo em seus territórios. Nesse sentido, nos Estados Unidos, as mulheres foram impactadas mediante novas perspectivas. Obviamente, o governo não deixa de ter seu lado de participação, como notado, por meio da propaganda, mas a assimilação e a apropriação das mensagens transmitidas em um início de movimentação rumo à emancipação são devidas totalmente às mulheres. Assim também, a necessidade de perceber as desigualdades de raça

dentro da dinâmica feminina é crucial para compreender as nuances que estiveram e ainda estão presentes na história americana, levando a associar à necessidade ainda maior de estudos interseccionais sobre o assunto.

Por fim, a história de gênero, por mais que seja um campo relativamente recente no campo historiográfico, é um dos meios de se confirmar meios que já são afirmados pela literatura – como o citado ressurgimento econômico dos EUA durante a guerra – agora interpretados mediante uma nova perspectiva. A participação de mulheres na indústria de guerra talvez tenha sido um episódio com muitas lacunas em branco a serem discutidas, mas colaboram com a emergência de uma discussão sobre o que pode ser alcançado no momento presente.

### Fontes utilizadas

THE SATURDAY EVENING POST. **Rosie The Riveter**. 1943.

Howard Miller, War Production Co-Ordinating Committee **We can do it!** 1942.

### Referências

ANDERSON, Perry. **A política externa norte-americana e seus teóricos**. São Paulo: Boitempo, 2015.

AGUIERRE, Reina. **The Evolution of “We Can Do It” Poster and American Feminist Movements**. San José: McNair Research Journal SJSU: Vol.14. Article 3. Agosto. Pp.2-22. 2018

FRIEDAN, Betty. **A mística feminina**. Petrópolis: Editora Vozes Limitadas. 1ª Edição. Pp.32-43. 1971.

GREENSPAN, Alan; WOOLDRIDGE, Adrian. A Grande Depressão. In: **Capitalismo na América**. Uma História. São Paulo: Editora Record 3ª Edição. 2020. Pp.225-275

HONEY, Maureen. **Creating Rosie the Riveter: Class, Gender and Propaganda During World War II**. University of Massachusetts Press. Massachusetts. 1984.

HAPSARI, Nurlita. **Rosie The Riveter: Women workers in the World War II**. Yogyakarta: Universitas Gadjah Mada. Janeiro. pp.1-10. 2014

KARNAL, L (et al.) **História dos Estados Unidos: das origens ao século XXI**. São Paulo: Contexto, 2007.

MCEUEN, Mellisa . **Woman, Gender, and World War II**. Transylvania: Oxford Research Encyclopedia. Junho. Pp.1-26. 2016

MENDONÇA, Maria. **O trabalho da mulher americana durante a Segunda Guerra Mundial e sua contribuição para o feminismo**. Trabalho de Conclusão de Curso – bacharelado em Relações Internacionais. Recife: Faculdade Damas da Instrução Cristã. 2015

YESIL, Bilge. **‘Who Said It’s a Men War?’: Propaganda, advertising discourse and the representation of war worker woman during the Second World War**. Nova Iorque: Media History. Vol.10. Number 2. agosto. 2004, p.103-117.